

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas

Outubro 2011



## **Apresentação de Mesa-Redonda - 3<sup>1</sup>**

José Augusto Avancini  
(UFRGS/CBHA/CNPQ)<sup>2</sup>

Os quatro trabalhos apresentados põem ênfase sobre o tema geral da mesa em diferentes aspectos da história da arte, um desses, sobre a temática contemporânea, servindo de contraponto aos outros três que focalizam o século XIX brasileiro. Os trabalhos que tratam da temática brasileira localizam o século XIX como o tempo de referência e o momento de construção da identidade cultural do país. Seja pela ciência, a arqueologia, seja pela escultura, seja pela fotografia, a temática e não só a materialidade das obras remetem as visões sobre o país na segunda metade do século citado. A quarta comunicação se refere à pintura que demonstra a íntima interrelação entre os procedimentos e a forma obtida, criando momentos de tensão ao se ancorarem em mais de um sistema de figuração.

Partindo da afirmação de Daniel Arasse “tirar o objeto do passado, do seu tempo. Para fazê-lo viver a partir de questões de hoje”, Icléia Borsa Cattani procura analisar três momentos da história da arte, nos quais os artistas desenvolvem um processo anacrônico, cruzando tempos

---

<sup>1</sup> Este texto resume os trabalhos apresentados nesta Mesa-redonda, cujos componentes e os títulos dos seus respectivos artigos são: Maria Inez Turazzi (Museu Imperial - Marinhas do Rio de Janeiro) - “Tradição e experimentação fotográfica nos oitocentos”; Cláudia Valadão de Mattos (UNICAMP) - “Um arquivo escrito em barro: Emilio Goeldi e a relação entre Arte e Arqueologia no final do Século XIX”; Paulo Knauss (UFF) - “Imaginação escultórica e identidade ética: representações do negro no Brasil, século XIX”; Icléia Borsa Cattani (UFRGS) - “Espaço e luz na pintura: Uccello, Manet, Scully”.

<sup>2</sup> Moderador da Mesa-redonda.

diversos. Esses três momentos são presentes do gótico para o renascimento, da tradição representativa para os sistemas de representação modernos e da modernidade para a contemporaneidade.

Os exemplos do passado, Ucello e Manet, ajudam a compreender e valorizar obras atuais que estão entre a modernidade e a contemporaneidade. O resultado dessas obras se caracteriza pelo permanente estar “entre” dois sistemas de representação que nos indicam momentos de transição entre períodos e visões artísticas diferentes. Os exemplos selecionados foram os de Paolo Ucello, Edouard Manet e Sean Scully. Neles a autora localiza os momentos ricos de referências a diferentes períodos de passagem na história da arte ocidental. Apoiando-se no conceito de “entre” de Gilles Deleuze, procura iluminar os resultados plásticos nas obras dos pintores citados. Os períodos de transição apresentam situações de tensão e fissura, novos efeitos de sentido e a percepção de elementos que se projetam ao futuro. Para a autora é uma disjunção que potencializa o olhar, possibilitando a análise de obras e períodos com essas características.

As demais comunicações nos remetem à segunda metade do século XIX no Brasil. Tentamos apresentar cronologicamente os três trabalhos que de alguma maneira dão conta, dentro de suas especificidades, da trajetória da arte brasileira nesse período histórico.

O texto de Cláudia Valadão de Mattos aborda as relações entre arte e arqueologia no final do século XIX no Brasil, apontando as conexões entre arqueologia indígena

e a construção de uma identidade nacional. Indica os trabalhos de João Barbosa Rodrigues e Emílio Augusto Goeldi que buscaram o apoio da arte para elaborar uma classificação dos materiais encontrados baseada em critérios formais e estéticos, critérios esses que se fundamentam na obra de Alexander Von Humboldt - *Vistas das Cordilheiras*.

A origem dos nossos índios foi tema central nos debates historiográficos desse período. Gonçalves Dias, influenciado pelo movimento indianista, via os índios de seu tempo como descendentes de índios norte-americanos que por sua vez descendiam de europeus. João Batista Rodrigues levantou a hipótese de uma origem asiática para as populações indígenas do Brasil. O formato quadrado da cerâmica e o uso de ornamentos geométricos aproximariam a produção indígena da chinesa antiga. Essa tendência de analisar o material arqueológico pelo ponto de vista formal foi também incorporada por Emílio Goeldi que de maneira mais refinada realizou o mapeamento delicado das formas encontradas em cada região, apontando os parentescos locais e regionais, assim como as especificidades culturais de cada grupo. A autora enfatiza o percurso teórico desses estudiosos que, partindo de uma tradição nacionalista, se direcionaram para um discurso sobre o passado, tendo arte como suporte teórico para a compreensão e classificação do material arqueológico.

O texto de Paulo Knauss toma como linha diretora a presença e a obra do escultor francês, Louis Rochet, no Brasil desde 1855, quando chegou para estudar, *in*

*loco*, as possibilidades e os limites do ambiente onde a estátua eqüestre de D. Pedro I seria colocada. Apesar de ter sido o terceiro lugar no concurso público para esse monumento, foi ele quem foi chamado para a execução da obra e que o levou a alterar e a modificar o projeto original. Em 1862, retorna para montagem da estátua e dez anos após executa as estátuas de José Bonifácio e da imperatriz Teresa Cristina. O pesquisador localizou no Museu do Homem, em Paris, 12 bustos de índios que seriam as primeiras imagens escultóricas de indígenas no Brasil. Na segunda metade do século XIX, sob a influência do romantismo e de seu desdobramento, o indianismo brasileiro, temos a afirmação do índio como ícone do Império, haja vista a grande estátua de Chaves Pinheiro apresentando o índio como Alegoria do Império. Também aponta o autor a “descoberta” do busto “O Negro Horácio” de 1856, cujo modelo, Rochet encontrou na casa de um francês radicado no Rio de Janeiro. Essa temática estava de acordo com toda uma tendência de época que aproximou arte e antropologia, pois ambas interrogavam as formas corporais. Era a segunda vez que a figura do negro era fixada no Brasil, no gênero retrato. O primeiro exemplo foi o óleo pintado por José Correia Lima, o Marinheiro Simão. Uma terceira obra aparece na escultura da fachada da escola Nossa Senhora da Saúde, no Rio de Janeiro, bairro tradicional pela presença negra, do escultor francês Mathurin Moreau. Exemplo da associação entre arte e antropologia que reforça o uso da arte para auxiliar os europeus no conhecimento e classificação dos

diversos tipos de humanidade, colocando a arte a serviço de documentar a diversidade étnica.

A comunicação de Maria Inez Turazzi enfoca o longo e profícuo trabalho de Marc Ferrez (1843-1923), como fotógrafo oficial da marinha de guerra brasileira. O tema escolhido pela autora possibilita estudarmos, através desse caso, o cruzamento de novos temas, aspirações artísticas e experimentos tecnológicos, buscando uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar. Ela remete o leitor às publicações de Gilberto Ferrez, neto do fotógrafo, e a do Almirante Max Justo Guedes, também sobre as fotos de Ferrez. A questão central que perpassa toda a comunicação é se a arte pode ser tecnológica. A autora discute a caminhada da fotografia no século XIX, aludindo aos trabalhos de Gustave Le Gray e a seu virtuosismo nos anos de 1850-60, antecipatório das obras do pintor Gustave Courbet sobre paisagem. Essas novidades logo chegaram até nós. George Leuzinger, outro europeu aqui radicado e provável fornecedor de materiais fotográficos para Ferrez, chegou a executar com Franz Keller uma vista panorâmica do Rio de Janeiro. Ferrez estendeu seu envolvimento com a nova arte fotográfica, participando da expedição da Comissão Geológica do Império, como documentador da viagem ao norte do país, realizando a famosa fotografia da cachoeira de Paulo Afonso, entre 1874-75. Em 1878, o fotógrafo vai a Paris em vista da exposição universal e aproveita para fazer contato com Sociedade Francesa de Fotografia (SFP). De lá, retorna com novos equipamentos como a câmara panorâmica

giratória que lhe permitiu a tomada de grandes vistas da Guanabara. No ano seguinte, 1879, expõe no salão da Academia Imperial de Belas Artes e como consequência de seu sucesso reconhecido, recebe do governo imperial o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa, a mais alta comenda que um nacional podia receber nesse período. Para Marc Ferrez a relação entre técnica e imagem sempre foi essencial para que obtivesse um resultado inovador para a época e também, esteticamente válido. Tomando o gênero de pintura de paisagem como referência, soube adequá-la a nova arte, obtendo resultados de igual qualidade aos modelos pictóricos.

As comunicações são ricas em sugestão para novas abordagens de obras e períodos históricos enfatizando a estreita relação entre a obra elaborada e sua materialidade.